

INFORMAÇÃO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

José Maria JARDIM

"O mundo é azul "
Yuri Gagarin

RESUMO

Discute o conceito de representação social nas ciências sociais a qual estuda os atores sociais em movimento; suas idéias e concepções de mundo estão representadas (por isso 'representação social') nas suas falas; essas representações não são necessariamente conscientes sendo uma mistura das idéias das elites, das grandes massas e das filosofias correntes, contendo elementos de dominação e de resistência; cabe ao pesquisador revelar a contradição das representações sociais as quais podem ser estudadas pela Antropologia, História da Cultura, Sociologia e Psicologia Social.

Palavras-chave: Representação social; ideologia, informação e representação social; sujeito informacional; informação e ciências sociais.

O conceito de **representação social** encontra acolhida frequente em várias áreas das Ciências Sociais como a Antropologia, a História da Cultura, a Sociologia, além da Psicologia Social. Esta presença nestes diversos campos de conhecimento é constatada juntamente com a percepção de uma certa diversidade na dimensão teórica do conceito e nas metodologias daí decorrentes.

No que se refere à Ciência da Informação, o conceito de **representação social** parece pouco evidente como recurso teórico seja na pesquisa ou nas práticas de gerenciamento da informação.

Fenômenos histórico-sociais, os processos de construção, transferência e uso da informação podem eventualmente ter suas possibilidades de análise comprometidas. Tal ocorre, por exemplo, quando o chamado **usuário da informação** é abordado, no máximo, como "sujeito regulado ou complacente, que fica do lado de fora do sistema-máquina de gestão de fluxos de informação" ou seja, "a elisão do sujeito acompanha à reificação da informação" (GOMEZ, 1994: 147). Mostra-se desafiador para o pesquisador ou o gerente de informação desviar-se dos caminhos fetichizantes que transmutam a complexidade do **sujeito informacional** na linearidade de um "usuário da informação" cuja face se confunde com suas "demandas ao sistema".

A relativização das noções de distância e objetividade pelos antropólogos, ao pesquisarem sua própria sociedade, mostra-se oportuna quando das tentativas dos profissionais da informação em identificarem os **usuários** e os **usos da informação**. Até porque "o que sempre **vemos** e **encontramos** pode ser familiar mas não é necessariamente **conhecido** e o que não **vemos** e **encontramos** pode ser exótico mas, até certo ponto, **conhecido**" (VELHO, 1978: 39). Assim, se não é sempre necessário exotizar o familiar, recomenda-se, no mínimo, estranhá-lo, o que é possível, segundo VELHO (Ibid., p.45) "quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações". Considerar um grupo como estranho, lembra CALDEIRA (1992: 65) "significa colocar entre parênteses tudo que a gente pode imaginar que sabe sobre ele para poder descobrir o que ele tem de fato a nos dizer".

Trata-se aqui, portanto, de destacar, de forma global, os aspectos inibidores e facilitadores do uso do conceito de **representações sociais**, tendo em vista as suas implicações teórico-metodológicas na compreensão do ciclo informacional, tão caro à Ciência da Informação.

AS REPRESENTAÇÕES COLETIVAS

Os diversos campos do conhecimento que reconhecem o conceito de **representações sociais**, remetem-se ao conceito durkheimiano de **representações coletivas**.

A **consciência coletiva** de que está dotada a vida coletiva (integrada por fatos sociais) é, segundo DURKHEIM, constituída por **representações coletivas**, fenômenos que se distinguem de outros fenômenos da natureza por suas características peculiares. As **representações coletivas** conservam sempre a marca do substrato social em que nascem, mas têm uma vida independente: reproduzem-se e se misturam, produzindo novas cuja causa são outras representações sociais e não a estrutura social. Ressaltando, portanto, a sua autonomia relativa, escreve DURKHEIM (1973: 79) "*As representações coletivas traduzem a maneira como o grupo pensa nas suas relações com os objetos que o afetam. Para compreender como a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, precisamos considerar a natureza da sociedade e não a dos indivíduos. Os símbolos com que ela se pensa mudam de acordo com a sua natureza (...) Se ela aceita ou condena certos modos de conduta, é porque entram em choque ou não com alguns dos seus sentimentos fundamentais, sentimentos estes que pertencem à sua constituição*".

E, como tal, na análise das representações coletivas constituem objeto de estudo tanto as estruturas como as instituições: "são todas elas maneiras de agir, pensar e sentir, exteriores ao indivíduo e dotadas de um poder coercitivo em virtude do qual se lhes impõe" (Ibid.:p 88). Algumas representações sociais históricas teriam maior poder coercitivo como, por exemplo, as categorias de religião, moral, espaço, tempo etc.

Constata-se, assim, que autonomia, exterioridade e coercitividade são características fundamentais das representações coletivas em relação ao comportamento e pensamento individuais. Dizendo de outra forma, assinala SÁ (1992: 7) "os indivíduos que compõem a sociedade seriam portadores e usuários das representações, mas estas não podiam ser legitimamente reduzidas a algo como o conjunto das representações individuais, das quais difeririam essencialmente".

Para MOSCOVICI (1978: 21), no entanto, a noção durkheimiana de representação perde parte do seu interesse quando não analisa explicitamente a pluralidade dos modos de organização do pensamento, mesmo que sejam todos sociais.

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A HISTÓRIA DA CULTURA

A chamada História Cultural tem como um dos seus objetivos privilegiados as representações do mundo social, identificando o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social específica é construída e pensada. Este campo resulta de questões colocadas à História por novas disciplinas, possibilitando desviar os enfoques das hierarquias para as relações e das posições para as representações.

Produtoras de estratégias e práticas sociais diversas, as percepções do social não constituem discursos neutros. Considerando as lutas de representações sociais tão importantes como as econômicas, CHARTIER (1990: 7) observa que investigar as primeiras “supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação”. Por isso, o esvaziamento do debate entre a objetividade das estruturas e a subjetividade das representações.

A história cultural, segundo CHARTIER (Ibid., p.19), permite conciliar aquilo que FEBVRE designava por “os materiais de idéias” com a noção de “representação coletiva”: “pode pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos ou, por outras palavras, das representações do mundo social que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse”.

Mais do que o conceito de mentalidade, assinala CHARTIER (Ibid., p.23), a noção de representação social favorece a articulação de três modalidades de relação com o mundo social:

- "o trabalho de classificação e delimitação que produz as configurações intelectuais multiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos;"

- "as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significa simbolicamente um estatuto e uma posição;"

- "as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns 'representantes' marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade".

A análise das representações na História Cultural refere-se às "classificações e exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceituais próprias de um tempo ou de um espaço (...) historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) ..." (Ibid., p.27).

Portanto, a História Cultural volta-se também para os estudos dos processos com os quais se constrói um sentido, dirigindo-se às **práticas** que, de forma plural e contraditória, dão significado ao mundo.

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM OUTRAS CIÊNCIAS SOCIAIS

A partir do conceito durkheimiano de **representações coletivas**, MINAYO (1992) demonstra como o tema das representações é abordado por diversos autores das ciências sociais.

Para MAUSS (1979) tanto a coisa, como o fato e a representação constituem objeto das Ciências Sociais já que a sociedade se exprime simbolicamente em seus costumes e instituições através da linguagem, da arte, da ciência, da religião, assim como através das regras familiares, das relações econômicas e políticas. Chama atenção, porém, para o risco de se reduzir a realidade à concepção que os homens fazem dela.

Segundo MINAYO (Ibid., p.161), "WEBER elabora suas concepções do campo das representações sociais através de termos como 'idéias', 'espírito', 'concepções', 'mentalidade', usados muitas

vezes como sinônimos e trabalha de forma particular a noção de 'visão do mundo'. Tal como DURKHEIM, WEBER reconhece um certo grau de autonomia do mundo das representações e os caminhos de análise da eficácia histórica das idéias. Por outro lado, deixa claro a necessidade de se corresponder a que instâncias do social determinado fato deve sua maior dependência.

A partir do termo "senso comum", SHULTZ apud MINAYO (Ibid., p.164) aborda as representações sociais, considerando que a existência cotidiana "é dotada de significados e portadora de estruturas de relevância para os grupos sociais que vivem, pensam e agem em determinado contexto social". Tais significados são selecionados através de construções mentais, de "representações" do "senso comum", estruturas significativas da cotidianidade que resultam "de um estoque de experiências pessoais e de outros, isto é, de companheiros, predecessores, contemporâneos, consociados e sucessores". Através do senso comum, o ator social age e atribui significados portadores de relevância à sua ação, "de acordo com sua história de vida, seu estoque de conhecimentos formados pela tipificação deste mesmo senso comum".

MINAYO (Ibid.) identifica na dialética marxista a possibilidade de interpretação do papel das representações sociais, particularmente em "A ideologia alemã". Sob tal perspectiva, o modo de produção da vida material determina o modo de vida dos indivíduos como princípio básico do "pensamento" e da "consciência". MARX relativizaria, segundo MINAYO (Ibid.), este determinismo econômico sobre a consciência, reconhecendo que a manifestação da consciência se faz através da linguagem.

GRAMSCI apud MINAYO (Ibid.), aborda o tema, ao tratar do **senso comum** e do **bom senso**. Segundo MINAYO, a contribuição de GRAMSCI sobre as representações sociais, é evidenciada em três aspectos fundamentais: o caráter de conformismo das representações e a abrangência desse conformismo de acordo com os diferentes grupos sociais, ou seja, cada grupo social tem seu próprio conformismo e ilusão; os aspectos dinâmicos geradores de mudanças que coexistem com o conservadorismo no senso comum; a composição mais abrangente das diferentes concepções do mundo de qualquer grupo social e de determinada época histórica. Como tal, a leitura de

MINAYO (ibid., p. 169) sobre o conceito de representações sociais em GRAMSCI diz respeito a "uma combinação específica das idéias das classes dominantes e das concepções dos grupos subalternos, numa relação de dominação, subordinação e resistência entre os dois pólos".

Segundo MINAYO (ibid.), para tratar das representações, LUCKÁCS utiliza-se da noção de "visão de mundo" ou seja "o conjunto de aspirações, de sentimentos e de idéias que reúne os membros de um grupo (mais frequentemente de uma classe social) e as opõem a outros grupos". O fundamento científico do conceito de "visão do mundo", apreendido através do indivíduo, é a integração do pensamento individual no conjunto da vida social, sobretudo pela análise da função histórica das classes sociais. Como outros autores da escola marxista, LUCKÁCS reconhece a base material como denominador comum das representações sociais (segundo MINAYO (ibid.), a ideologia, as idéias, os pensamentos e a consciência).

Tendo em vista todas estas abordagens, MINAYO (ibid., p. 173) conclui: "podemos dizer que as representações sociais enquanto senso comum, idéias, imagens, concepções e visão do mundo que os atores sociais possuem sobre a realidade são um material importante para a pesquisa no interior das Ciências Sociais". Sua mediação privilegiada, nesta perspectiva, é a linguagem do senso comum na qual os atores sociais se movem.

Assim, as representações sociais têm como características:

- possuem núcleos positivos de transformação e de resistência na forma de conceber a realidade;
- são sistemas empíricos e observáveis, capazes de revelar a natureza contraditória da organização em que os atores sociais estão inseridos;
- são mais abrangentes em termos da sociedade como um todo e revelam a visão do mundo de determinada época das classes dominantes dentro da história de uma sociedade;
- não são necessariamente conscientes: são uma mistura das idéias de elites, grandes massas e das filosofias correntes, contendo elementos de dominação e resistência.

BECKER (1993: 137) também ressalta que as representações da sociedade devem ser encaradas como fatos sociais, buscando diferenciar-se do foco convencional a respeito, ao privilegiar não as representações em si como a coisa mais importante e sim as atividades através das quais são produzidas e consumidas. Como tal, as representações de conhecimento sobre a sociedade devem ser analisadas tendo em conta os aspectos das organizações nas quais são construídas: *"modos de representação fazem mais sentido quando vistos num contexto organizacional, como maneiras que as pessoas usam para contar o que pensam que sabem, para outras pessoas que querem sabê-lo como atividades organizadas, moldadas pelo esforço conjunto de todas as pessoas envolvidas"*.

Ao indicar-nos as possibilidades teóricas e metodológicas de operarmos as representações sociais, BECKER (Ibid.) destaca os seguintes aspectos:

- qualquer representação da realidade social é necessariamente parcial, menor do que aquilo que se poderia vivenciar e achar disponível no real;

- representações só têm existência completa quando alguém as está usando, lendo ou assistindo, ou escutando e, assim, completando a comunicação através da interpretação dos resultados e da construção para si próprio da realidade que o produtor pretendeu mostrar;

- a mesma realidade pode ser descrita de um enorme número de maneiras, visto que descrições podem ser respostas para qualquer uma dentre uma multidão de questões.

Uma outra abordagem de representação que frequenta a sociologia é a veiculada por GOFFMAN (1975: 29): *"venho usando o termo 'representação' para me referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência"*.

A partir da metáfora da ação teatral, GOFFMAN (Ibid.) demonstra que todo homem, em qualquer situação social, procura dirigir e dominar as impressões que se possa ter dele, sustentando

seu desempenho como ator que representa um personagem diante do público. Um relacionamento social é produto das diversas ocasiões em que um indivíduo/ator desempenha o mesmo movimento para o mesmo público mediante representações do seu papel social.

A elasticidade do conceito de representações sociais tem suscitado alguns questionamentos quanto à sua utilização como instrumento de análise. MAGNANI (1988: 128) destaca a falta de precisão teórica resultante desta situação, o que sinaliza a representação "como uma espécie de imagem mental da realidade" cujos ingredientes seriam "as experiências individuais decorrentes da realidade social em que o ator está imerso" e a "particular combinatória - sintática e semântica - que junta esses pedaços responsáveis, entre outras coisas, por todos aqueles erros de concordância e regência, cacofonias, pleonasmos e anacolutos que conferem sabor e 'autenticidade' aos depoimentos". A opção pela análise interna do discurso, teria jogado para segundo plano as condições de produção e recepção bem como o espaço social onde tais discursos circulam.

A partir da análise de MALINOWSKI sobre as crenças dos trobriandeses, MAGNANI (Ibid.) sugere alguns tópicos para os estudos de representações sociais:

- as representações não resultam de depoimentos que falam por si: trata-se de um processo de **reconstituição** que envolve também outras "práticas significantes" de cujas relações se pode reconstituir o significado;

- pressupondo-se a existência de uma **totalidade** que não é, porém, uma realidade homogênea que paira sobre a sociedade (como em DURKHEIM), reconhece-se que a sua visibilidade só é possível a partir da reconstituição dos fragmentos rastreados e hierarquizados;

- os conjuntos significantes não estão dados, não podem ser encarados como isolados empíricos: precisam ser construídos em função de exigências teóricas postas pela definição do objeto da pesquisa;

- idéias e crenças não existem apenas nas opiniões conscientes mas estão incorporadas em instituições e condutas: discurso e práticas não são realidades que se opõem, um operando

por distorção à outra; são antes pistas diferentes e complementares para a compreensão do significado.

Neste sentido cabe também observar as considerações de LAPLANTINE (1993: 114) quanto ao uso do conceito de representações sociais: "Críticas não faltaram a essas antropologias que têm de fato tendência a apreender as representações (religiosas, narrativas, artísticas, etc.) com uma área 'à parte'. Dedicando exclusivamente sua atenção ao 'sótão', deixando de se interessar pelo que acontece na 'adega', ela efetua a reconstituição dos sistemas de pensamento e conhecimento em si próprio. As relações que este mantém com as relações sociais, políticas, econômicas da sociedade em um determinado momento de sua história, são consideradas secundárias, quando não são pura e simplesmente ocultadas".

AS REPRESENTAÇÕES NA PSICOLOGIA SOCIAL

Ao buscar resgatar as representações sociais como conceito e fenômeno social, MOSCOVICI (1978) inaugura um campo de estudos interdisciplinar que vem se consolidando no âmbito da Psicologia Social. A realidade das representações sociais seria fácil de apreender porque quase tangível: "elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano", impregnando "as relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas". O conceito de representações sociais, porém, não é considerado de tão fácil apreensão por MOSCOVICI (ibid., p.56) porque estaria situado "na encruzilhada de uma série de conceitos sociológicos e de uma série de conceitos psicológicos". Assim, apesar de partir do conceito de representações coletivas de DURKHEIM, MOSCOVICI (ibid.) considera que a abordagem daí decorrente não contempla a diversidade de modos de organização do pensamento, ainda que sejam todos sociais. Por isso, "é indispensável que se lhe retire o seu papel de categoria geral, referente ao conjunto de produções simultaneamente intelectuais e sociais" (ibid., p.62). Neste sentido, compreende-se também as preocupações de MOSCOVICI em diferenciar as representações sociais, enquanto

categoria específica, dos conceitos de mito, opinião e imagem. Procurando o enquadramento teórico a respeito, MOSCOVICI (Ibid.) ressalta algumas premissas:

- não existe um corte dado entre o universo exterior e o universo do indivíduo (ou grupo), bem como sujeito e objeto não são absolutamente heterogêneos em seu grupo comum;

- o sujeito constitui-se ao mesmo tempo que a sua atividade representativa pois, segundo a organização que ele se dê ou aceite do real, define-se a sua situação no universo social e material;

- se uma representação social é uma "preparação para a ação", ela não o é na medida em que guia o comportamento do indivíduo, mas sobretudo na medida em que remodela e reconstitui os elementos do meio ambiente em que o comportamento deve ter lugar;

- as representações sociais são conjuntos dinâmicos, seu status é o de uma produção de comportamentos e de relações com o meio ambiente, de uma ação que modifica aqueles e estas, e não de uma **reprodução** desses comportamentos ou dessas relações, de uma reação a um dado estímulo exterior.

Conforme JODELET apud SÁ (1993: 1), o campo de estudos inaugurado por MOSCOVICI pretende "contribuir para uma psicossociologia do conhecimento então inexistente, ao lado de uma sociologia do conhecimento florescente e de uma epistemologia do senso comum nascente". Para tal, JODELET reconhece dois eixos de preocupações: a constituição espontânea de um conhecimento popular e a vulgarização da ciência mediante "as representações sociais funcionando como sistemas de acolhimento favoráveis ou desfavoráveis à assimilação do saber científico e técnico".

SÁ (Ibid., p.3) reconhece que o meio acadêmico têm denominado representações sociais "toda a sorte de saberes - conhecimentos práticos, habilidades sociais, construções imaginárias etc. - manejados pelas pessoas comuns e grupos sociais na vida cotidiana". No entanto, frisa SÁ (Ibid., p.3), "nem tudo é representação social como, por exemplo, as opiniões e crenças". "É possível, certamente, que um dado objeto social não seja socialmente representado - no sentido conceitual forte - por um dado grupo ou

segmento da sociedade e que, não obstante, seus membros **falem** sobre tal objeto", afirma SÁ (Ibid., p.3) concluindo que "nem todo falar social é pensamento social".

A consolidação do campo de pesquisa das representações sociais requer buscar suas vinculações às **práticas sociais** que as produzem ou decorrem do pensamento prático constituído pelas representações sociais. Neste caso, as práticas sociais são visualizadas a partir dos seus atributos de natureza comportamental básica, numa perspectiva diferenciada da sociologia e antropologia. Conforme SÁ (1992: 6), *"a referência exclusivamente comportamental das práticas sociais deve permitir que se identifique: práticas institucionais; práticas desenvolvidas paralelamente às instituições; práticas que estejam apenas emergindo no cenário social ...; práticas persistentes que nunca sejam institucionais-codificadas ..."*.

Campo emergente no âmbito da Psicologia Social nos últimos trinta anos, as representações sociais são, segundo JODELET apud SÁ (1991, p.11), "uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social". Em torno desta definição sintética, os estudiosos da área tem reconhecido a sua intensificação teórico-metodológica.

CONCLUSÕES

Como observado na literatura analisada, o conceito de representações sociais ocupa um espaço significativo no quadro teórico e metodológico de diversas áreas das Ciências Sociais, além da leitura a respeito elaborada pela Psicologia Social. Verifica-se que, conforme a área de conhecimento, este conceito adquire matizes específicos. Enquanto fenômeno, porém, todas as áreas reconhecem que se trata de um produto das **práticas sociais**, conceito por sua vez bastante flexível. Neste quadro, o conceito durkheimiano de representações coletivas constitui-se numa referência frequente para o desenvolvimento de uma teoria das representações sociais, sendo também considerado como ponto de ruptura para o desenvolvimento.....
dessa teoria.

As abordagens a respeito oscilam entre duas visões: de um lado, as possibilidades de representação do mundo (social) são infinitas; de outro, o mundo só é mundo enquanto socialmente representado. Um terceiro olhar, porém, faz questão de observar - desviando-se do esvaziamento teórico e inviabilidade metodológica - que nem tudo é representação social.

Considerando representações sociais como "as idéias, imagens, senso comum, concepções e visão de mundo que os atores sociais possuem sobre a realidade", MINAYO passeia por diversas correntes das Ciências Sociais, desde o século passado, recuperando o conceito inclusive no pensamento marxista.

A fertilidade do conceito fica aí evidenciada sem, no entanto, apontar para um quadro teórico mais consistente.

Embora reconheça que as representações sociais podem e devem ser analisadas pelas estruturas e comportamentos sociais, MINAYO (1992) não sugere os contornos que permitam ultrapassar críticas - como as de MAGNANI (1988) - à noção de representação como uma espécie de imagem mental da realidade. Este traz ao debate uma ressalva teórico-metodológica fundamental: a representação não flui diretamente dos discursos dos atores sociais, mas é um processo de **reconstituição** por parte do cientista social.

A Psicologia Social contribui para o conceito, situando-o como um campo interdisciplinar. Buscando consolidar uma **epistemologia de senso comum**, a Psicologia Social delimita o que considera representação sociais, como conjunto de fenômenos e o conceito que os engloba. Contribui para a problematização do conceito ao ressaltar que nem todo objeto social é socialmente representado e que nem todo falar social veicula representações.

Privilegiando a natureza comportamental das práticas sociais, a Psicologia Social persegue uma teoria das Representações Sociais na qual as diferenças e conflitos de classe são evidenciados.

BECKER (1993) sinaliza possibilidades metodológicas extremamente convidativas ao sugerir o enfoque nas ações que levam à produção e consumo das representações sociais. De certa forma, reencontramos nesta perspectiva as observações de MAGNANI a partir de MALINOWSKI.

Na História da Cultura as representações sociais ganham uma dimensão não contemplada nas demais Ciências Sociais: o tempo, a luta de representações, as classificações e exclusões.

CHARTIER (1990) visualiza a importância de análise dos conflitos entre as diversas representações sociais nos jogos do poder e dominação.

Deparamo-nos nesta perspectiva com o conceito de "representantes" para designar os atores sociais, visíveis no palco de lutas das representações. Estas mesmas lutas carregam inerentemente classificações e exclusões que norteiam as construções sociais de um tempo e um espaço.

Entendendo-se **representações sociais** como as concepções, imagens e visões de mundo que os atores sociais produzem e consomem no âmbito de práticas sociais diversas em um tempo e espaços determinados, mostra-se extremamente convidativa a sua abordagem no campo da Ciência da Informação. No mínimo, poderão ser enriquecidas as pesquisas em torno do eixo temático informação/cultura/sociedade. Neste caso, uma vez mais defronta-se a Ciência da Informação com seus próprios apelos à interdisciplinaridade.

Observa-se, portanto, que face ao conceito de representações sociais, o cientista social vê-se mobilizado pela sua flexibilidade como instrumento de análise de uma dada realidade social, sendo porém desafiado a imprimir nitidez ao seu quadro teórico e postura metodológica. E o faz para, afinal, dar-se conta que o mundo como representação é possível, embora não necessariamente seja azul.

ABSTRACT

Social representation is a theme of social science which studies what people think and why. People's thinking is 'represented' in their language; its ideology or world vision is not necessarily conscientious; social sciences makes it conscientious through this sub-field called 'social representation', which may be studied by Antropology, History of culture, Sociology and Social Psychology.

Keywords: Social representation; Ideology; Information and social Sciences; Informational subject.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. **Ce que Parler Veut Dire**: l'économie des échanges linguistiques. Paris: Fayard, 1991.
- BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. Lisboa: Presença, 1972.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CALDEIRA, Teresa. Memória e relato: a escuta do outro. **Revista do Arquivo Municipal**. São Paulo, v.200, p.65-76, 1991.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1990.
- DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter "anthropological blues". In: NUNES, Edson de O. (org.). **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DURKHEIM, E. **As Normas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Abril, 1978.
- FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GÓMEZ, Maria Nélide G. de. Além do Estado e do Mercado: a busca de novos parâmetros de institucionalização da informação. **Revista do Serviço Público**. Brasília, v. 118, n.3, set./ dez. 1994.
- JARDIM, José Maria. **Cartografia de uma ordem imaginária: uma análise do sistema nacional de arquivos**. Rio de Janeiro, 1994. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal Fluminense.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Discurso e Representação, ou de como os baloma de kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In: CARDOSO, R. (org.) **A Aventura Antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

MAUSS, M. **Antropologia**. São Paulo: Ática, 1979.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec - Abrasco, 1992.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SÁ, Celso Pereira de. **As Representações Sociais na Perspectiva de uma Psicologia do Conhecimento: Conceituação e Problematização s.e.,s.ed.**, 1993.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de O.(org.). **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.